

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Música, Filosofia e Educação 4

 **Atena**
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
|---|--|

| | |
|------|--|
| M987 | Música, filosofia e educação 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Música, Filosofia e Educação; v. 4) |
|------|--|

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-107-7
DOI 10.22533/at.ed.077190502

1. Música – Filosofia e estética. 2. Música – Instrução e estudo.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 780.77

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Música, Filosofia e Educação 4

Atena Editora
2019

APRESENTAÇÃO

A Música, a Filosofia e a Educação nos ajuda a viver melhor.

Neste pequeno texto, pretendo levá-lo a uma breve reflexão sobre o que é a **Música, a Filosofia e a Educação**, uma Arte e como se dá a relação entre elas

Não é de meu interesse aprofundar nenhum tema aqui exposto, a pretensão é apenas convidá-lo a uma leve reflexão, para que com isso, você possa pensar as palavras, sob novas perspectivas, não necessariamente as apontadas aqui, mas sim, obter um novo caminho e tentar conduzir-se nestas “novas vias”, as quais você pode, talvez, ler e deixar-se levar por esta interpretação livre. Os filósofos, a música e a Educação são os eternos amigos da humanidade, e nos ensinam a enfrentar o adverso. A **música** (do [grego](#) *μουσική τέχνη* - musiké téchne, a arte das musas) é uma forma de [arte](#) que se constitui na combinação de vários [sons](#) e [ritmos](#), seguindo uma pré-organização ao longo do [tempo](#). A “**Música**” é a arte de combinar os sons e o silêncio. Se pararmos para perceber os sons que estão a nossa volta.

É considerada por diversos [autores](#) como uma [prática cultural](#) e [humana](#). Não se conhece nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações musicais próprias. Embora nem sempre seja feita com esse objetivo, a música pode ser considerada como uma forma de [arte](#), considerada por muitos como sua principal função.

A filosofia existe para que as pessoas possam viver melhor, sofrer menos, lidar melhor com os desafios, enfrentar com serenamente o eterno vai-e-vem de “altos e baixos”, como diz um grande um filósofo da Antiguidade. A missão essencial da filosofia é tornar viável a busca da felicidade. Todos os grandes pensadores marcaram esse ponto. A filosofia e a música são irmãs siamesas é útil na vida prática, no cotidiano. Alguém definiu os filósofos como os amigos eternos da humanidade. Nas noites frias e escuras que enfrentamos no correr dos longos dias, eles podem iluminar e aquecer. A filosofia e a música apóia, consola e abraça. Um aristocrata romano chamado Boécio (480-524) era rico, influente, poderoso. Era dono de uma inteligência colossal: traduziu para o latim toda a obra de Aristóteles e Platão. Tudo ia bem. Até o dia em que foi acusado de traição pelo imperador e condenado à morte. Foi torturado. Recebeu a marca dos condenados à morte de então: a letra grega Theta queimada na carne. Boécio recorreu à filosofia, em que era mestre, para enfrentar suas adversidades em: *“A felicidade pode entrar em toda parte se suportarmos tudo sem queixas”*, escreveu ele. A filosofia consola, mostrou em situação extrema Boécio. E ensina. E inspira. Sim, os filósofos são os eternos amigos da humanidade. Agimos como formigas quase sempre, subindo e descendo sem razão o tronco das árvores, e pagamos um preço alto por isso: ansiedade, aflição, fadiga física e mental. Nossa agenda costuma estar repleta. É uma forma de fugir de nós mesmos, como escreveu sublimemente um poeta romano. O pensador francês Descartes escreveu uma frase que é como um tributo à escola de Epitecto: “É mais fácil mudar seus desejos do que mudar a ordem do

mundo”). Não adianta se agastar contra as circunstâncias: elas não se importam. Isso se vê nas pequenas coisas da vida. Você está no meio de um congestionamento? Exasperar-se não vai dissolver os carros à sua frente. Caiu uma chuva na hora em que você ia jogar tênis com seu amigo? Amaldiçoar as nuvens não vai secar o piso. Que tal uma sessão de cinema em vez do tênis? Outro ensinamento seu crucial é que só devemos nos ocupar efetivamente daquilo que está sob nosso controle. Você cruza uma manhã com seu chefe no elevador e ele é efusivo. Você ganha o dia. Você o encontra de novo e ele é frio. Você fica arrasado. Daquela vez ele estava bem-humorado, daí o cumprimento caloroso, agora não. O estado de espírito de seu chefe não está sob seu controle. Você não deve nem se entusiasmar com tapas amáveis que ele dê em suas costas e nem se deprimir com um gesto de frieza. Você não pode entregar aos outros o comando de seu estado de espírito.

“Não é aquele que lhe diz injúrias quem ultraja você, mas sim a opinião que você tem dele”, disse Epitecto. Se você ignora quem o insulta, você lhe tira o poder de chateá-lo, seja no trânsito, na arquibancada de um estádio de futebol ou numa reunião corporativa. Não são exatamente os fatos que moldam nosso estado de espírito, pregou Epitecto, mas sim a maneira como os encaramos. Um dos desafios perenes da humanidade, e as palavras de Epitecto são uma lembrança eterna disso, é evitar que nossa opinião sobre as coisas seja tão ruim como costuma ser. A mente humana parece sempre optar pela infelicidade.

Outra lição essencial dos filósofos é não se inquietar com o futuro. O sábio vive apenas o dia de hoje. Não planeja nada. Não se atormenta com o que pode acontecer amanhã. É, numa palavra, um imprevidente. Eis um conceito comum a quase todas as escolas filosóficas: o descaso pelo dia seguinte. Mesmo em situações extremas. Um filósofo da Antiguidade, ao ver o pânico das pessoas com as quais estava num navio que chacoalhava sob uma tempestade, apontou para um porco impassível. E disse: “Não é possível que aquele animal seja mais sábio que todos nós”.

O futuro é fonte de inquietação permanente para a humanidade. Tememos perder o emprego. Tememos não ter dinheiro para pagar as contas. Tememos ficar doentes. Tememos morrer. O medo do dia de amanhã impede que se desfrute o dia de hoje. “A imprevidência é uma das maiores marcas da sabedoria”, escreveu Epicuro. Nascido em Atenas em 341 AC, Epicuro, como os filósofos cínicos, foi uma vítima da posteridade ignorante. Pregava e praticava a simplicidade, e no entanto seu nome ficou vinculado à busca frívola do prazer.

Somos tanto mais serenos quanto menos pensamos no futuro. Vivemos sob o império dos planos, quer na vida pessoal, quer na vida profissional, e isso traz muito mais desassossego que realizações. O mundo neurótico em que arrastamos nossas pernas trêmulas de receios múltiplos deriva, em grande parte, do foco obsessivo no futuro. Há um sofrimento por antecipação cuja única função é tornar a vida mais áspera do que já é. Epicuro, numa sentença frequentemente citada, disse que nunca é tarde demais e nem cedo demais para filosofar. Para refletir sobre a arte de viver bem, ele

queria dizer. Para buscar a tranqüilidade da alma, sem a qual mesmo tendo tudo nada temos a não ser medo. Também nunca é tarde demais e nem cedo demais para lutar contra a presença descomunal e apavorante do futuro em nossa vida. O homem sábio cuida do dia de hoje. E basta.

Heráclito e Demócrito foram dois grandes filósofos gregos da Antiguidade. Diante da miséria humana, Heráclito chorava. Demócrito ria. No correr dos dias nós vemos uma série infinita de absurdos e de patifarias. Alguém a quem você fez bem retribui com ódio. A inveja parece onipresente. Você tropeça e percebe a alegria maldisfarçada dos inimigos e até de amigos. (Palavras do frasista francês Rochefoucauld: sempre encontramos uma razão de alegria na desgraça de nossos amigos). A hipocrisia é dominante. As decepções se acumulam. Até seu cachorro se mostrou menos confiável do que você imaginava. Em suma, a vida como ela é. Diante de tudo isso, as alternativas estão basicamente representadas nas atitudes opostas de Heráclito e Demócrito. Você pode chorar. E dedicar o resto de seus dias a movimentos que alternam gemidos de autopiedade e consumo de antidepressivos de última geração. Ou então você pode rir. Sêneca comparou a atitude de Heráclito e Demócrito para fazer seu ponto: ria das coisas, em vez de chorar.

Mesmo o alemão Schopenhauer, o filósofo do pessimismo, reconhece sabedoria na jovialidade. No seu livro *Aforismos para a Sabedoria de Vida*, Schopenhauer, que viveu no século XIX, escreveu: *“Acima de tudo, o que nos torna mais imediatamente felizes é a jovialidade do ânimo, pois essa boa qualidade recompensa a si mesma de modo instantâneo. Nada pode substituir tão perfeitamente qualquer outro bem quanto essa qualidade, enquanto ela mesma não é substituível por nada”*.

No artigo **“COMO SE FOSSE NATUREZA”: SOBRE AS TENSÕES NECESSÁRIAS ENTRE REGRAS E PROCESSOS CRIATIVOS**, o ator Gerson Luís Trombetta examina, a partir da “Crítica da Faculdade do Juízo” de Kant, os aspectos tensos da relação entre a regra e o gênio no processo de criação artística. No artigo **“O QUE É AUDIÇÃO?”: UMA ANÁLISE À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DA INDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE AUDIÇÃO COMO PROPOSIÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS METODOLÓGICOS**, o autor Thiago Xavier de Abreu analisar, à luz da psicologia histórico-cultural e da crítica vigotskiana aos fundamentos gerais da psicologia, a dificuldade de se definir o termo “audição”, ou melhor, o problema metodológico que resulta nesta dificuldade. No artigo **A PRÁTICA DO CANTO CORAL E SUAS APRENDIZAGENS: UM ESTUDO DESCRITIVO-INTERPRETATIVO**, os autores Hellen Cristhina Ferracioli e Leandro Augusto dos Reis buscam compreender os aspectos músico-pedagógicos que caracterizam a prática do canto coletivo como ambiente de educação musical. No artigo **A EDUCAÇÃO MUSICAL NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: A PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO E OS RESULTADOS PARCIAIS**, autor Thiago Xavier de Abreu busca determinar critérios filosóficos e pedagógicos para a seleção de conteúdos da educação musical e para a definição de formas de trabalho pedagógico com esses conteúdos na perspectiva da pedagogia

histórico-crítica. No artigo **A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE A PEDAGOGIA CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL (PCEM)**, a autora Maria Beatriz Licursi, busca realizar uma reflexão sobre a influência da educação musical no desenvolvimento cognitivo dos alunos. No artigo **A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE A PEDAGOGIA CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL (PCEM)**, a autora Maria Beatriz Licursi, busca realizar uma reflexão sobre a influência da educação musical no desenvolvimento cognitivo dos alunos. No artigo **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PALMÁS-TO: DESVELANDO CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM TURMAS DE PRÉ-ESCOLA**, a autora Priscila de Freitas Machado traz considerações sobre avaliação na Educação Infantil, com o enfoque nos instrumentos avaliativos utilizados por professores em turmas de pré-escola (5 e 6 anos). **A FORMAÇÃO HUMANA: UMA BREVE ANÁLISE DE PARADIGMAS FORMATIVOS NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES AO FILOSOFAR E À EDUCAÇÃO** as autoras Letícia Maria Passos Corrêa e Neiva Afonso Oliveira dissertam sobre o papel do Ensino de Filosofia e sua conexão com os processos relativos à formação humana na direção da compreensão de que nascemos humanos, mas precisamos continuar a sê-lo. Primeiramente, é exposto um breve panorama dos principais modelos formativos que integraram a História da Humanidade, bem como a História da Filosofia. No artigo **ÁUDIO DIGITAL NO PROGRAMA DE ENSINO DA UFPB: APRIMORAMENTOS PEDAGÓGICOS ENTRE 2013.2 E 2014.1**, os autores Buscam expor os resultados do projeto, considerados positivos para o Departamento em questão, possibilitando o emprego das metodologias utilizadas neste caso em problemáticas similares. **No artigo AS CONTRIBUIÇÕES DA COGNIÇÃO MUSICAL À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, os autores Juliana Rocha de Faria Silva e Fernando William Cruz buscam compreender como as pessoas escutam e se elas escutam da mesma maneira; porque há certas músicas que são preferidas por muitos; se as pessoas ouvem de formas diferentes e porque há pessoas da nossa cultura que não são movidas pela música. No artigo **ÁUDIO DIGITAL NO PROGRAMA DE ENSINO DA UFPB: APRIMORAMENTOS PEDAGÓGICOS ENTRE 2013.2 E 2014.1**, André Vieira Sonoda Buscam expor os resultados do projeto, considerados positivos para o Departamento em questão, possibilitando o emprego das metodologias utilizadas neste caso em problemáticas similares. No artigo **MELOPEIA: A MÚSICA DA TRAGÉDIA GREGA**, Leonel Batista Parente busca compreender *strictu sensu* os matizes deste conceito, identificando seus elementos e sua funcionalidade na relação com a Tragédia Grega. **No artigo NARRATIVIDADE E RANDOMIZAÇÃO DA PAISAGEM SONORA EM JOGOS ELETRÔNICOS**, os autores, Fernando Emboaba de Camargo, José Eduardo Fornari Novo Junior propõem-se uma solução parcial para esse problema com base na fragmentação de longos trechos de ambiente sonoros associados à narrativa e uma posterior randomização temporal do conjunto de fragmentos sonoros. O ensino

de Música na educação de jovens e adultos, o caso de uma escola em Araguari as autoras Jennifer Gonzaga Cíntia Thais Morato. No artigo **O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ELEMENTOS CONSTITUINTES DA MÚSICA: A VIVÊNCIA DE HISTÓRIAS COMO RECURSO**, a autora Lúcia Jacinta da Silva Backes, busca discutir ensino e aprendizagem de elementos constituintes da música, cujo objetivo é construir uma teoria vivencial da música, envolvendo uma narrativa literária, confecção de materiais e a prática/vivência dessa narrativa em forma de dramatização para aprender teoria musical. O artigo **O ENSINO DE MÚSICA A PARTIR DA TIPOLOGIA DOS CONTEÚDOS DE ANTONI ZABALA: UMA EXPERIÊNCIA EM UM CENTRO DE OBRAS SOCIAIS** Fernanda Silva da Costa No artigo **o PROJETO A ESCOLA VAI À ÓPERA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRECIÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**, as autoras Ana Claudia dos Santos da Silva Reis e Maria José Chevitarese de Souza Lima relatam a experiência musical vivenciada por alunos do CREJA - Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos, através da participação no projeto “A escola vai à ópera”, assistindo a obra O Limpador de Chaminés de Benjamin Britten e buscaram conhecer as impressões do grupo sobre essa experiência através de entrevistas.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| “COMO SE FOSSE NATUREZA”: SOBRE AS TENSÕES NECESSÁRIAS ENTRE REGRAS E PROCESSOS CRIATIVOS | |
| Gerson Luís Trombetta | |
| DOI 10.22533/at.ed.0771905021 | |
| CAPÍTULO 2 | 10 |
| “O QUE É AUDIAÇÃO?”: UMA ANÁLISE À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DA INDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE AUDIAÇÃO COMO PROPOSIÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS METODOLÓGICOS | |
| Thiago Xavier de Abreu | |
| DOI 10.22533/at.ed.0771905022 | |
| CAPÍTULO 3 | 18 |
| A PRÁTICA DO CANTO CORAL E SUAS APRENDIZAGENS: UM ESTUDO DESCRITIVO-INTERPRETATIVO | |
| Hellen Cristhina Ferracioli | |
| Leandro Augusto dos Reis | |
| DOI 10.22533/at.ed.0771905023 | |
| CAPÍTULO 4 | 28 |
| A EDUCAÇÃO MUSICAL NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: A PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO E OS RESULTADOS PARCIAIS | |
| Thiago Xavier de Abreu | |
| DOI 10.22533/at.ed.0771905024 | |
| CAPÍTULO 5 | 36 |
| A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE A PEDAGOGIA CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL (PCEM) | |
| Maria Beatriz Licursi | |
| DOI 10.22533/at.ed.0771905025 | |
| CAPÍTULO 6 | 49 |
| FORMAÇÃO HUMANA: UMA BREVE ANÁLISE DE PARADIGMAS FORMATIVOS NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES AO FILOSOFAR E À EDUCAÇÃO | |
| Letícia Maria Passos Corrêa | |
| Neiva Afonso Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.0771905026 | |
| CAPÍTULO 7 | 62 |
| ÁUDIO DIGITAL NO PROGRAMA DE ENSINO DA UFPB: APRIMORAMENTOS PEDAGÓGICOS ENTRE 2013.2 E 2014.1 | |
| André Vieira Sonoda | |
| DOI 10.22533/at.ed.0771905027 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 8 | 72 |
| CONTRIBUIÇÕES DA COGNIÇÃO MUSICAL À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO | |
| Juliana Rocha de Faria Silva Fernando William Cruz | |
| DOI 10.22533/at.ed.0771905028 | |
| CAPÍTULO 9 | 86 |
| MELOPEIA: A MÚSICA DA TRAGÉDIA GREGA | |
| Leonel Batista Parente | |
| DOI 10.22533/at.ed.0771905029 | |
| CAPÍTULO 10 | 95 |
| NARRATIVIDADE E RANDOMIZAÇÃO DA PAISAGEM SONORA EM JOGOS ELETRÔNICOS | |
| Fernando Emboaba de Camargo José Eduardo Fornari Novo Junior | |
| DOI 10.22533/at.ed.07719050210 | |
| CAPÍTULO 11 | 109 |
| O ENSINO DE MÚSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O CASO DE UMA ESCOLA ESTADUAL EM ARAGUARI - MG | |
| Jennifer Gonzaga Cíntia Thais Morato | |
| DOI 10.22533/at.ed.07719050211 | |
| CAPÍTULO 12 | 120 |
| O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ELEMENTOS CONSTITUINTES DA MÚSICA: A VIVÊNCIA DE HISTÓRIAS COMO RECURSO | |
| Lúcia Jacinta da Silva Backes | |
| DOI 10.22533/at.ed.07719050212 | |
| CAPÍTULO 13 | 129 |
| O ENSINO DE MÚSICA A PARTIR DA TIPOLOGIA DOS CONTEÚDOS DE ANTONI ZABALA: UMA EXPERIÊNCIA EM UM CENTRO DE OBRAS SOCIAIS | |
| Fernanda Silva da Costa | |
| DOI 10.22533/at.ed.07719050213 | |
| CAPÍTULO 14 | 140 |
| PROJETO A ESCOLA VAI À ÓPERA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRECIÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS | |
| Ana Claudia dos Santos da Silva Reis Maria José Chevitarese de Souza Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.07719050214 | |
| CAPÍTULO 15 | 148 |
| ASPECTOS MUSICAIS PERTINENTES À PRÁTICA DE LEITURA MUSICAL À PRIMEIRA VISTA PELO PONTO DE VISTA DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA | |
| Alexandre Fritzen da Rocha | |
| DOI 10.22533/at.ed.07719050215 | |

CAPÍTULO 16 156

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, ESTUDOS DE GÊNERO E MÚSICA

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Karla Cristina Vicentini de Araujo

Viviane Oliveira Augusto

Gabriella Rossetti Ferreira

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.07719050216

SOBRE A ORGANIZADORA..... 166

CAPÍTULO 6

FORMAÇÃO HUMANA: UMA BREVE ANÁLISE DE PARADIGMAS FORMATIVOS NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES AO FILOSOFAR E À EDUCAÇÃO¹

Letícia Maria Passos Corrêa

É Doutora e Mestre em Educação e Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Atualmente, é Vice-diretora na Escola SESI Eraldo Giacobbe e Professora de Filosofia e Sociologia no Governo do Estado do Rio Grande do Sul. É autora do livro “Ensino de Filosofia: um Estudo de Caso”, editado pela Universidade Federal de Pelotas (2012). Contato: leticiampcorrea@gmail.com .

SESI Pelotas/ Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Pelotas – Rio Grande do Sul

Neiva Afonso Oliveira

É Pós-Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Doutora e Mestre em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Licenciada em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas.

Atualmente, é Professora e Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas. Contato: neivaafonsooliveira@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas – Rio Grande do Sul

com os processos relativos à formação humana na direção da compreensão de que nascemos humanos, mas precisamos continuar a sê-lo. Primeiramente, é exposto um breve panorama dos principais modelos formativos que integraram a História da Humanidade, bem como a História da Filosofia. Na segunda seção, debruça-se a demonstrar que a *Bildung* representa um modelo de formação que pode contribuir para o Ensino de Filosofia e que, nele, são encontrados “ecos” da teoria rousseauiana. Por fim, na terceira divisão do texto, defende-se a ideia de que o exercício do filosofar, mediado pelo Ensino de Filosofia, se presta a um projeto muito maior do que desenvolver habilidades e integrar conteúdos presentes nos currículos escolares. O maior propósito e legado que a Filosofia nos proporciona é o de contribuir para, nada menos do que, formar pessoas dignas de serem chamadas desta forma.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Humana, Modelos formativos, Educação, Bildung, Ensino de Filosofia.

ABSTRACT: The presente article talks about the role of the teaching of philosophy and its connection with the processes relating to human formation based upon the comprehension that

RESUMO: O presente artigo disserta sobre o papel do Ensino de Filosofia e sua conexão

1. Adaptado de capítulo da tese de doutorado, escrita pela autora, intitulada “O exercício do filosofar como caminho para a formação humana: uma hermenêutica da obra de Jean-Jacques Rousseau para pensar o ensino de filosofia”. A tese foi orientada pela Prof^a Dr^a Neiva Afonso Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas; defendida e aprovada em maio de 2017.

we are born human, but we must keep being it. Firstly, a brief panorama of the main formative models that integrated the History of Humanity, as well as the History of Philosophy is presented. In the second section it is demonstrated that the *Bildung* represents a model of formation which can contribute to the Teaching of Philosophy and that, within it, are found “echoes” of Rousseau’s theory. Lastly, in the third part of the text, it is defended the idea that the exercise of philosophizing, mediated by the Teaching of Philosophy, submits itself to a much bigger Project than developing abilities and integrating present content into the academic curriculum. The biggest purpose and legacy that Philosophy provides us is contributing to, nothing less than, the formation of people worthy of being called humans.

KEYWORDS: Human Formation, Formative Models, Education, Bildung, Philosophy Teaching.

No horizonte da Filosofia da Educação contemporânea, percebe-se que um dos principais objetivos da mesma, senão o maior, é tratar da questão relativa à formação humana. A formação humana consiste em um tema caro à História da Filosofia, que surge desde a Antiguidade, ou seja, é um problema filosófico tão antigo quanto a própria humanidade. Desde a Antiguidade, os seres humanos tentaram entender questões relativas a como formar outros seres humanos e como nós, indivíduos, nos tornamos o que somos. Com o objetivo de pensar a formação humana, vista como educação no horizonte da Filosofia da Educação contemporânea, faz-se relevante situar alguns elementos históricos sobre o desenvolvimento do conceito de formação no cenário da História da Filosofia.

1 | PARADIGMAS FORMATIVOS NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

A formação humana existe em uma via de mão dupla: de um lado, formamos pessoas; por outro lado, somos formados e (auto) formados. Atinge também a nuance de um processo de um sujeito próprio e de atividade de um quefazer pedagógico em que o sujeito é, concomitantemente, protagonista e coadjuvante. Quando formamos outros indivíduos (e também quando somos formados) entramos na seara da Educação. Sobre a relação entre Filosofia e formação humana, citamos Favaretto (In: Kohan et al., 2008, p. 46, itálicos do autor)

Eis, então uma posição quanto à idéia de *formação* pela filosofia: a filosofia gera condições, indiretas é claro, da intervenção na realidade, nos modos dos jovens se situarem face à multiplicidade e heterogeneidade dos problemas, fatos, acontecimentos em que estão envolvidos. *Intervir* significa então descobrir o funcionamento e o sentido das configurações (teorias, ideologias e mitologias, religiosas, científicas, tecnológicas, artísticas); significa interrogar, formular questões e objeções.

Durante a História da Humanidade, a formação pode ser caracterizada a partir de alguns modelos. O primeiro desses grandes modelos chamamos de *Paideia*. A *Paideia*

foi um sistema educacional e de formação ética, presente na Grécia Antiga, que visava à formação do homem perfeito e completo. Este sistema trabalhava com áreas do conhecimento como Ginástica, Gramática, Retórica, Música, Matemática, Geografia, História Natural e Filosofia. Jaeger (1995, p. 3) comenta a respeito da relação entre a formação presente na *Paideia* e a Educação:

Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana. A natureza do Homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação.

Na Grécia Antiga, o modelo de formação da *Paideia* era direcionado à virtude (*arethé*). A virtude também estava ligada à força física, na aristocracia. No século de Péricles, a virtude era direcionada ao desenvolvimento do *logos*, de uma capacidade do uso de um argumento para convencer o outro na *Ágora*. Assim, a *Paideia* não poderia ser pensada como algo individual, ou seja, a formação era vista como algo a ser construído em conjunto com os outros, como uma educação para o cidadão grego servir à *pólis*. Nesse ínterim, o conceito de formação já aparece como um elemento de educação para a o exercício da cidadania. Desta forma, vale situar que:

A formação, como lastro de constituição de um sujeito capaz de pensar com autonomia, é uma condição a que se deveria levar todas as pessoas, (...) pois o que realmente importa é o exercício pleno da cidadania (SEVERINO, 2014, p. 14).

Filosoficamente falando, a palavra formação contrapõe-se à ideia de conteúdo e matéria, visto que forma e matéria comportam-se como a determinação e como determinante. Podemos lembrar Aristóteles e dizer que a matéria se identifica com o ato e a forma com a potência. Conforme Abbagnano (2207, p. 358):

A Educação é definida não do ponto de vista da sociedade, mas do ponto de vista do indivíduo: a *formação* do indivíduo, sua *cultura*, tornam-se o *fim* da educação. A definição de Educação na tradição pedagógica do Ocidente obedece inteiramente a essa exigência. A Educação é definida como *formação* do homem, *amadurecimento* do indivíduo, consecução da sua *forma* completa ou perfeita etc.: portanto, como passagem gradual – semelhante à de uma planta, mas livre da potência ao ato dessa forma realizada.

Outro modelo formativo de inestimável importância é a *Humanitas*, que pode ser definida como o grande modelo formativo romano, visando à formação humanística, cosmopolita e universal do indivíduo.

Ainda no contexto da Antiguidade e perpassando o Medievo, a educação transforma em potência o que já está em ato, como pensava Aristóteles e, mais tarde, São Tomás de Aquino. Avista-se, nestes momentos, elementos daquilo que hoje, nas Teorias de Currículo, nomearíamos como Educação Tradicional; em função de uma tentativa de formar (dar forma, colocar em um formato, nivelar) o que em ato já estaria predestinado. Ou seja, de acordo com tal paradigma, uma potência jamais

apareceria em algo que já não estaria em ato, ou melhor, uma aptidão ou qualidade a ser desenvolvida não poderia “brotar” de algo que já não estivesse intrínseco em sua essência. E nesse ponto, há um certo determinismo no caráter educativo e formativo.

O conceito formação combina com outros vocábulos e, de alguns, afasta-se totalmente. Todavia, há total intersecção entre os termos formação e transformação. E, desta forma, não há determinismo, se a encararmos a partir deste olhar. A transformação é dialética, pressupõe a mudança para seu contrário, garante a liberdade do ente de tornar-se o que tiver escolhido ser. A formação pode ser vista como uma eterna (trans) formação, uma grande metamorfose de si, onde há a possibilidade de um constante devir, de um eterno vir a ser. Quanto a isto, relacionando com o papel de educação, Severino fala:

Na cultura ocidental, a educação foi sempre vista como processo de formação humana. Essa formação significa a própria humanização do homem, que sempre foi concebido como um ente que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio de maior humanidade, uma condição de maior perfeição em seu modo de ser humano. Portanto, a formação é processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém um ser cultural, uma pessoa – é bom lembrar que o sentido dessa categoria envolve um complexo conjunto de dimensões que o verbo formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser. É relevante observar que seu sentido mais rico é aquele do verbo reflexivo, como que indicando que é uma ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito. Nessa linha, afasta-se de alguns de seus cognatos, por incompletude, como informar, reformar e repudia outros por total incompatibilidade, como conformar, deformar. Converge apenas com transformar... A idéia de formação é pois aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade. A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva. Por isso, a interação docente é considerada mediação universal e insubstituível dessa formação, tendo-se em vista a condição da educabilidade do homem (2006, p. 621).

A formação dá-se, ainda, em um caráter convivencial: vincula-se às vivências e convivências; aos processos de socialização, bem como às relações primárias de afeto; aos sentimentos de pertencimento e reconhecimento; em alargados âmbitos e espaços (família, comunidade, escola, etc). Flickinger afirma:

À tecnificação do processo educativo, que hoje reforça a tendência do trabalho educativo em favor da ampliação e diferenciação dos conteúdos, corresponde a uma despersonalização crescente que coloca a individualidade dos educadores ao segundo plano, perdendo de vista, portanto, o espaço originário da experiência educativa, i. é, **a linguagem vivida no diálogo**. A inserção da postura filosófica refletida, para dentro da auto-compreensão do processo educacional, passaria pela recuperação de sua gênese, na ideia da Paideia (W. Jaeger), com a possibilidade de reconsiderar, ao nível da Pedagogia moderna, os motivos que levaram a clássica Pedagogia grega a usar conceito de tal complexidade orgânica (1998, p. 21, grifos do autor).

No contexto da Modernidade, a formação, no âmbito pedagógico, tem o sentido

geral de um projeto de perfectibilidade do ser humano. Kant diz que “*O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação faz dele*” (2002, p. 15). Assim, somente a educação potencializa o homem para a formação de um ser humano completo no que diz respeito a todas as suas capacidades. Desta forma, uma educação que não seja satisfatória não formará sujeitos éticos e com qualidades morais. E o inverso também é verdadeiro: uma boa educação formará indivíduos comprometidos com os outros, com o meio em que vive e consigo mesmo. De uma forma um tanto determinista, o homem é o produto da educação que recebeu. Na teorização kantiana, a disciplina tira o homem da animalidade e o coloca na humanidade.

Outro modelo de fundamental relevância é a *omnilateralidade* marxiana. Marx e Engels entendiam a educação de forma ampla, visando a formação do ser completo e pleno. Por educação, entendiam a formação intelectual, a educação do corpo e a educação tecnológica (politecnia). Desta forma, no modelo comunista, não havendo uma rígida divisão de trabalho estabelecida, o sujeito pode assumir diversos papéis, que dão conta da complexidade de seu ser:

(...) possibilita fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear à noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico (MARX; ENGELS, 2011, p. 28).

A *Bildung* aparece como um modelo formativo oriundo do idealismo alemão no século XVIII. Weber (2016) salienta que “*a proeminência do conceito, da idéia de Bildung, encontra-se vinculada ao movimento do “tornar-se o que se é”, ou seja, ao movimento de constituição da própria identidade*”.

Friedrich Nietzsche, na obra *Crepúsculo dos Ídolos ou Como filosofar com o martelo*, diz que a Igreja “estraga” o ser humano através da culpa, para depois “melhorá-lo”, “salvá-lo”; pois a culpa nos faz obedientes. O filósofo alemão afirma que “*Em todos os tempos se quis “melhorar” o homem: a isto sobretudo se chamou moral*” (NIETZSCHE, 1983, p. 335). Assim, para Nietzsche, a educação visa (trans) formar o homem em um sujeito “melhor”.

Assim, formação, em um sentido amplo, é um conceito que assume diferentes sentidos e diferenciações, de acordo com o dicionário dirigido por Víctor García Hoz. Em um sentido geral, apresenta a tipologia de ação e efeito de formar. Ou seja, remete-se ao criar, ao educar, ao adestrar. A partir da própria etimologia da palavra, podemos perceber que se refere a dar forma: o que faz com que algo seja o que é. Entretanto, formação é, por necessidade, conformação. Atinge, ainda, a relação com informação e conformação. Em toda formação, concorrem Deus e criatura.

No decorrer dos tempos, a palavra formação entra no campo da pedagogia através da ideia de formação humana, pois todo ser humano é objeto material da formação. De um lado, temos a ideia de formação e educação e, de outro, a ideia de formação e informação. Parece haver uma antítese entre formação e informação.

Entretanto, num sentido filosófico, formação e informação coincidem. A forma exerce seu ofício informando. A informação é um recurso dialético. À medida que informamos alguém de alguma coisa (podemos pensar que, de acordo com o método dialético, o sujeito se apresentaria neste momento como uma tese), este mesmo sujeito está, concomitantemente, sendo formado e se autoformando, transformando-se em um ser distinto daquele que antes apresentava-se (em uma antítese de si), que, assim, reverbera numa síntese deste processo (que, neste ponto, transforma-se em uma nova tese, dando margem para novas informações, que trazem consigo novas possibilidades de transformação, compondo um eterno devir humano). Mas, se analisarmos de forma mais minuciosa, percebemos que formação e informação não são totalmente antitéticas, pois a formação humana é impossível sem uma informação prévia; a formação humana supõe a livre vontade e a intervenção do entendimento pela informação.

O conceito angariou, ainda, os matizes e sutilezas de formação convivencial, formação geral, formação profissional, formalismo e materialismo didático.

Situando o autor em um plano ainda maior, no que diz respeito a uma busca de nossas origens e de nosso reconhecimento como seres humanos, de acordo com Pissarra: “(...) a tarefa que Rousseau se propôs desde seu primeiro texto foi a de guiar os homens nessa busca, ou seja, guiá-los na compreensão do que é a verdadeira natureza humana” (2002, p. 6). Isso significa dizer que o projeto a que Jean-Jacques prestou-se foi o de encaminhar o homem à sua verdadeira formação humana, de ajudá-lo, segundo a sua própria ordem natural, a tornar-se o que é, a realizar as potencialidades inerentes à sua natureza. A respeito do conceito *formação*, Oliveira e Oliveira consideram que:

Severino (2006) ajuda-nos nessa tarefa introdutória, procurando alcançar uma acepção mais produtiva, a partir dos significados dicionarísticos da palavra formar. Em termos gerais, entende a formação como processo de devir humanizador, no qual o ser natural devém pessoa, ou seja, ser cultural. Tal sentido encontra sua maior riqueza nas acepções do verbo reflexivo, numa indicação de que o próprio sujeito é agente responsável por sua construção. Trata-se, prioritariamente, de processo autoformativo do ser social. “Nesta linha, afasta-se de alguns de seus cognatos, por incompletude, como informar, reformar e repudia outros por total incompatibilidade, como conformar, deformar. Converge apenas com transformar” (p.621) (2014, p. 208-222).

No que tange à relação do Ensino de Filosofia com a formação humana, as palavras de Severino expressam a relevância da mediação entre os conceitos/ categorias filosóficos e os subsídios que os jovens necessitam para se formarem enquanto seres humanos:

É evidente que a formação integral dos adolescentes no ensino médio é atribuição do todo do currículo. No entanto, a Filosofia tem contribuição significativa a dar para essa formação, donde decorre, para seus professores, um sério compromisso no âmbito curricular e pedagógico. Mas esta sua parte de responsabilidade não se reduz ao domínio de um acervo de conteúdos informativos e de determinadas habilidades. Não se trata de fornecer aos estudantes uma erudição acadêmica,

mas de ajudá-los a desenvolver uma forma de apreensão e de vivência da própria condição humana, o amadurecimento de uma experiência à altura da dignidade dessa condição, experiência a partir da qual possam conduzir sua existência histórica. Não se visa com o ensino da Filosofia no curso médio formar especialistas nessa área, mas tão somente explorar as contribuições que essa modalidade de exercício reflexivo pode fornecer aos jovens no processo de sua formação (2014, p. 10).

Assim, os limites de uma interpretação da formação enquanto educação no horizonte da filosofia da educação contemporânea esbarram nestas e em outras questões aqui apresentadas. Uma das principais funções da filosofia da educação contemporânea é produzir em nós mesmos, seres humanos, e também nos outros – nossos alunos e educandos – um antídoto contra a pressa. Como dizia Nietzsche “*em toda parte vigora uma pressa indecente*” (2006, p. 59). Então, é preciso tempo para “ruminar” as ideias. É preciso um “mergulho” intenso e profundo nos mares dos pensamentos. É preciso (des) construir paradigmas, (re) inventar o ser humano. É preciso formar seres humanos dignos de assim serem denominados. É preciso acreditar na (re) existência de seres menos pragmáticos e mais autônomos. E a educação, vista como um processo pedagógico, nos serve de “trilha” e “caminho” para alcançarmos o ideal de homem que almejamos nos tempos contemporâneos.

2 | A *BILDUNG* COMO MODELO FORMATIVO PARA PENSAR O EXERCÍCIO DO FILOSOFAR

Após analisarmos os diferentes paradigmas formativos na História da Humanidade, destaca-se, em especial, um modelo formativo que penso ser profícuo para a reflexão acerca do Exercício do Filosofar, bem como o Ensino de Filosofia. Refirimo-nos à *Bildung* alemã.

Möllmann refere-se ao paradigma da *Bildung* da seguinte forma:

Sou filha da modernidade. Fui educada com vistas a ser um sujeito autônomo e soberano, dentro de uma idéia de *perfectibilité* e maioridade e para que soubesse classificar e ordenar os conhecimentos e atribuir sentidos a tudo, condições concretas de individualidade com compreensões universais de mim e do mundo. Ser humanidade do meu tempo não me permite uma simples anulação da tradição na qual me encontro, pois sofro a influência das minhas próprias implicações históricas. Estou ciente que padrões me formaram e da tradição que me toca, e que preciso estar atenta à forma como esses me fazem perceber o mundo.

Os padrões acima descritos expressam os ideais clássicos da *Bildung* do século XVIII que permanecem como marcas da *Aufklärung* até hoje. Trata-se de um ideário pensado para o ser humano e que culminaria numa abstração: um conceito universal de humanidade. A *Bildung* almejava, portanto, a elevação a uma universalidade, onde o homem fosse capaz de se abstrair do seu particularismo em direção ao universal, à humanidade (2010, p. 8, itálicos da autora).

A *Bildung*, vista como um modelo de formação, apresenta pistas que podem nos fornecer “luzes” para situar, tanto em Rousseau, quanto nas práticas filosóficas

experimentadas no Ensino de Filosofia, elementos norteadores quanto ao sujeito que almejamos formar. Em relação à Filosofia/Pedagogia rousseauiana, podemos dizer que:

O empenho dos grandes pensadores em organizar programas pedagógicos adequados à época, bem como a soma dos esforços das ciências da educação na construção de métodos, técnicas e processos de bem ensinar e aprender, deveriam estar à serviço de ora em diante do encurtamento da excessiva distância que separa a utopia de sua realização, conduzindo a humanidade ao destino do esclarecimento. No programa da *Bildung*, caberia à estética oferecer um conjunto de imagens cristalizadas em representações da cultura, que pudessem atrair as populações para a formação de noções básicas de um bom gosto universal, superando deste modo as possíveis decisões motivadas por diversos particularismos ou então pelo impulso puramente instintivo (TREVISAN, 2017, p. 3, *itálico do autor*).

No contexto da *Bildung*, é possível perceber que a exacerbação da razão é condenada. Neste ponto, há uma convergência entre as proposições de Rousseau e o modelo formativo em questão². Para ambos, impera a exigência de que não basta educarmos somente para a racionalidade, mas urge que também nos dediquemos à sensibilidade. Da mesma forma, os ideais de liberdade são encontrados tanto no modelo formativo da *Bildung*, quanto na teoria rousseauiana. A exigência de criticidade, da criação do ser curioso/criativo igualmente podem ser, mesmo que de forma implícita, encontradas nos escritos rousseauianos e na formação proposta pela *Bildung*. Quanto à necessidade de educarmos para a sensibilidade, citamos Gadotti:

Rousseau, como todo educador, preocupou-se fundamentalmente com o sentido da vida cotidiana, com as relações entre o ser humano e o meio ambiente. Elas se dão sobretudo no nível da sensibilidade muito mais do que no nível da consciência (2004, p.21).

Se analisarmos etimologicamente a palavra *Bildung*, percebe-se que, de uma forma geral, a mesma significa *cultura*. Entretanto, por se tratar de um vocábulo polissêmico, também remete à imaginação, ao desenvolvimento e à estética. Sobretudo, de uma forma pedagógica, a formação – outra acepção da palavra *Bildung* – refere-se ao processo: incessante movimento do ser de se (auto) criar. E, sendo assim, refere-se à liberdade e à responsabilidade que são exigidas deste ser em formação.

Não há, neste modelo, um fim. O homem é um ser incompleto, que carrega consigo milhares de oportunidades e de aprendizados com as experiências vividas. Um ser sensível, capaz de filosofar e de ser capaz de responder por seus infortúnios e suas conquistas. Dito de outra forma: um arquiteto da sua própria – assim como influenciador de outras - formação humana. Educar, ou dito de outra forma, formar para a sensibilidade, significa explorar as mais variadas possibilidades e idiosincrasias contidas no humano.

2. Atualmente, há esforços de comprovar a tese de que Rousseau é precursor da *Bildung*. Refirimo-nos ao projeto de tese intitulado “**Jean-Jacques Rousseau e a antecipação da *Bildung* Alemã**: um estudo dos pressupostos rousseauianos sob a ótica dos *Bildungsroman* alemães”, de autoria de Adriane Bender Arriada, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFPel, 2018.

3 | O EXERCÍCIO DO FILOSOFAR COMO CAMINHO PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Primeiramente, tivemos por objetivo apresentar diferentes paradigmas formativos para a História da Humanidade, e, na sequência, procuramos situar o modelo da *Bildung* alemã com vistas a contribuir para a reflexão sobre o Exercício do Filosofar. Propomos, agora, que possamos analisar o papel da Filosofia para a Formação Humana.

Quando formamos alguma coisa, formamos padrões. A formação pode atingir nuances com as quais aqui não nos identificamos, como, por exemplo, formatar (colocar em uma fôrma), referindo-se à normatização, à padronização, procurando seguir de acordo com os padrões daquilo que socialmente é chamado de “normal”. Opondo-se a tal padrão formativo, Favaretto ratifica que:

A filosofia, como disciplina de ensino, é um conjunto particular de conhecimentos com características próprias no que se refere à formação. Não é, entretanto, como diz o sentido latino da palavra “disciplina”, a instrução que o aluno recebe do mestre, nem guarda mais o sentido pedagógico de “ginástica intelectual”, de disciplinamento da inteligência. Exercita, é certo, capacidades intelectuais, requerendo algumas habilidades; mas é, antes de tudo, uma disciplina cultural, pois a formação que propicia diz respeito à significação dos processos culturais e históricos. Na aula, na leitura de textos e nos exercícios operatórios de fixação de conceitos e técnicas argumentativas, nas discussões e elaboração de textos, é preciso levar em conta a qualidade dos conteúdos em relação às situações de aprendizagem. Tais práticas visam ao desenvolvimento de habilidades para construir e avaliar proposições, construir unidades de significação, produzir conjuntos sistematizados de conhecimentos que funcionem como produção teórica; isto é, como articulação entre concepções da realidade e experiência vivencial (In: KOHAN et. al., 2008, p. 50).

A Filosofia, em si, não se restringe a uma produção “morta”, em que simplesmente são estudadas as obras clássicas dos filósofos profissionais. Mais do que isto, a Filosofia se propõe a ser “viva”, a ser experienciada. Sendo assim, viver a Filosofia significa fazer valer seus métodos e suas inquietações. Embora os instrumentos de trabalho da Filosofia sejam os textos filosóficos, vale lembrar que a leitura de textos, requer, assim, o exercício do filosofar. Não se trata de uma leitura passiva, sem atitudes e ensinamentos. A leitura de textos filosóficos, presente e motor no/do exercício do filosofar, consiste em uma experiência singular, que se apresenta de maneira formativa ao indivíduo, ensinando inúmeras lições a serem aprendidas:

A primeira coisa que um texto filosófico nos ensina é que ele não é que ele não é um campo aberto onde podemos entrar correndo sem dificuldades. Ele faz com que duvidemos de nossa capacidade de entender a leitura: lemos, mas não deciframos, conhecemos o som de cada palavra lida, mas elas nada nos trazem de significa. Parecem cifradas, não temos a senha de entrada. A segunda coisa, portanto, que ele nos ensina é persistir. Perseverar, não esmoecer, insistir, insistir. Colocamos-nos diante dele como intrusos. Mas nada podemos forçar. Temos de ter paciência. Aos poucos a nossa cabeça vai se moldando ao texto, vai se abrindo para poder encaixá-lo, a cabeça deve mudar para que o texto caiba, é necessário criar a compreensão dele. Não pode ser o contrário. Se nos pusermos a querer encaixar o texto naquilo que já sabemos, ele não cabe. E, se decidirmos nos enganar e pará-los nessa altura da tentativa de leitura, nada dele saberemos, não o teremos lido, apenas mutilado. É preciso esperar para que o texto vá nos moldando, nos mudando. É preciso saber esperar. Ler de novo. De novo. Deixá-lo um pouco de lado

e depois retomar. Aos poucos, o texto vai se revelando, se deixando penetrar. Um leitor que sabe esperar, que sabe observar e insistir é aquele que vai descobrir as portas secretas desse espaço, as conexões insuspeitáveis, os túneis subterrâneos (ASPIS; GALLO, 2009, p. 97).

A atenção aos escritos filosóficos, atrelada ao exercício do filosofar, pode ser desenvolvida de várias maneiras. Há aqueles sujeitos que conseguem estudar e praticar Filosofia de maneira auto-didata. Entretanto, no contexto da Educação Básica, há de se concordar que um espaço direcionado ao debate de textos filosóficos e ao desenvolvimento do exercício do filosofar aparece como um diferencial no modelo formativo que se está sendo ofertado ou sugerido. Assim, o que se propõe é que, para os jovens, o exercício do filosofar, dentro da realidade educacional, seja mediado pelo Ensino de Filosofia.

E por que ensinar Filosofia? Qual a necessidade de tal ensino? Rocha (2008, p. 34), afirma que:

No que diz respeito à Filosofia, podemos argumentar que ela é uma área *singular* de reflexão que se ocupa de temas fundamentais na experiência humana e que sua ausência no currículo escolar priva o estudante de um espaço de formação a que ele tem direito, sem o qual surge uma lacuna em sua vida.

Se concordarmos que há a necessidade de uma Formação Humana que se oponha às obviedades, que resista aos apelos neoliberais, que trabalhe na pessoa capacidades de ser desenvolvido nas suas esferas críticas, curiosas, criativas, livres e afetivas, que aposte em uma ontologia de si, somos levados a apoiar a necessidade do Ensino de Filosofia. Desta forma, o Ensino de Filosofia – lugar onde é desenvolvido o exercício do filosofar – tem como sua maior função contribuir para a Formação Humana dos educandos.

De acordo com Bruno Pucci, em palestra proferida no II Seminário da SOFIE, realizado em Campinas, em 14 de setembro de 2016, “*a Filosofia deve voltar-se para as coisas aparentemente insignificantes, para a micrologia*”. Desta forma, percebe-se que a relação crítica e formativa constitui a essência da Filosofia.

Num mundo e num paradigma educacional demasiados mercantilistas como o nosso, o pensar não deve reduzir-se ao seu método. Tudo deve ter aplicação imediata, “servir para alguma coisa”. O indivíduo é visto de forma fragmentada, especialmente, pela valorização exacerbada de seu lado consumidor. E, assim, este comportamento consumista é transferido, deslocado para outras relações: não se consomem só objetos e coisas, o comportamento consumista faz com que não só as coisas sejam consumidas/descartadas, mas também as relações com outros seres humanos, as atitudes, as qualidades daquilo que o ser é, os valores, etc. De acordo com Bandeira:

Até as mais íntimas reações vão sendo coisificadas, a ponto de a própria imagem que as pessoas devem fazer de si mesmo, é manipulada como forma de melhor se integrarem na sociedade e no próprio mercado de trabalho, numa espécie de, conforme a expressão muito em voga, *merchandising* pessoal, que nada mais é que a promoção de uma personalidade ideal, que visa em última instância, à integração dos últimos resquícios de subjetividade nos moldes da sociedade de

consumo (2008, p. 57, grifo da autora).

Vivemos em uma era *high-tech*, onde além de acumularmos quinquilharias, colecionamos pessoas em nossas redes sociais. Ao invés de enxergarmos a vida com nossa história – vista como uma soma incessante de experiências felizes e tristes – construímos personagens de nós mesmos, simbolizados por nossas *selfies* e mascaramentos de nossas identidades. Nossa sociedade, de acordo com Turcke, está vivendo uma excitação constante e:

(...) para inflacionar esse momento até o infinito, coloca-se à disposição um repleto aparato visual. Ele deixa passar nas telas incontáveis momentos e direciona a percepção para aqueles mais persistentes, os que “fazem sensação”, os quais se destacam tanto que provocam uma percepção que permanece. Há uma torrente de estímulos dos meios de comunicação de massa que competem para fazer parte dessas sensações. Ninguém consegue dominá-los. Nem o mais distinto intelectual que torce o nariz consegue fechar-se diante dos estímulos, de tal modo que o sentido de sua atenção, a escolha dos temas e das palavras, o tempo e o ritmo de seus pensamentos não conseguem permanecer sem ser por eles molestados de alguma forma. Em curtas palavras, é chegado o momento de se falar de uma *sociedade da sensação* (2010, p. 10, grifos do autor).

E, aparentemente fora de contexto, num exercício de “nadar contra a corrente”, um elemento constitutivo da Formação Humana é justamente este: a busca do ser humano pelo pensar por si próprio. É preciso ver o homem de uma forma integral, de uma maneira holística. E a Filosofia possui esta capacidade: a de enxergar o humano em suas múltiplas faces.

PARA NÃO CONCLUIR

Aparentemente, a Filosofia, por trabalhar apenas com teorias, pode ser vista de maneira (ex) cêntrica, ou seja, fora do eixo. Entretanto, é sabido que as práticas humanas são carregadas de teorias, que os indivíduos são movidos por referenciais teóricos (ou mesmo pela ausência destes). E, da mesma forma que são movidos por teorias, os processos formativos devem ser pensados como orientadores da prática humana. Percebemos que, por ser altamente prática, a Filosofia contribui para aquilo que o ser é e pelas incontáveis possibilidades que ele pode vir a se tornar. Sendo assim, fazemos nossas as palavras de Severino (In: GALLO; KOHAN, 2000, p. 11):

Entendo o exercício do filosofar como uma exigência da própria condição humana e, conseqüentemente, considero o ensino da filosofia uma mediação pedagógica imprescindível para a formação dos homens histórica e socialmente situados.

À guisa de conclusão, tem-se que as práticas fundamentam as teorias e vice-versa. No caso da Filosofia, em função de seu caráter inter e trans disciplinar, há a possibilidade de tê-la, no ambiente pedagógico, como um sistema integrador. E, se observarmos a biografia de inúmeros filósofos na História da Filosofia, percebemos o quanto muitos deles foram também educadores. Assim, em função de sua natureza pedagógica, da amplitude de áreas do conhecimento a que adentra/sustenta e das

inúmeras possibilidades que oferece ao ser pensante, é evidente que a Filosofia tem muito a contribuir para a Formação Humana.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARRIADA, Adriane Bender. **Jean-Jacques Rousseau e a antecipação da *Bildung* alemã**: um estudo dos pressupostos rousseauianos sob a ótica dos *Bildungsroman* alemães. Projeto de Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. **Ensinar Filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta, 2009.

BANDEIRA, Belkis Souza. **Formação cultural, semiformação e indústria cultural**: Contribuições de Theodor W. Adorno para Pensar a Educação. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

CORRÊA, Letícia Maria Passos. **Ensino de Filosofia**: um Estudo de Caso. Pelotas: Editora e Gráfica da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

FLICKINGER, Hans-Georg. **Para que filosofia da educação – 11 teses**. In: PERSPECTIVA. Florianópolis, v.16, n. 29, p. 15 - 22, jan./jun. 1998.

GADOTTI, Moacir. **Os mestres de Rousseau**. São Paulo: Cortez, 2004.

GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. 2 ed. **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GARCIA HOZ, Victor (dir.) (1964). **Diccionario de Pedagogía Labor**, 2 vol. Barcelona: Editorial Labor, 1964.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: A Formação do Homem Grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. 3ªed. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

KOHAN, Walter O. et al. **Filosofia**: caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas: Navegando, 2011.

MÖLLMANN, Andrea Dorothee Stephan. **O legado da *Bildung***. 2010. Porto Alegre, 2010. 87f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad. Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa, OLIVEIRA, Neiva Afonso. **Modelos de formação humana**: Paideia, Bildung e formação omnilateral. In: Luiz Carlos Bombassaro; Claudio A. Dalbosco; Nadja Hermann.

(Org.). *Percursos hermenêuticos e políticos: homenagem a Hans-Georg Flickinger*. Passo Fundo; P. Alegre; Caxias do Sul: UPF; EdiPUCRS; EDUCS, 2014, p. 208-222.

PISSARRA, Maria Constança Peres. **Rousseau: a política como exercício pedagógico**. São Paulo: Moderna, 2002.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e Currículo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Bauru: EDIPRO, 2008.

_____. **Emílio ou Da Educação**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SEMINÁRIO DA SOFIE (Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação), 2, 2016, Campinas.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação**. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo: v.32, n.3, p.619-634, set/dez, 2006. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28030/29828> . Acesso em 21/12/2016.

_____. **Filosofia no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2014.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Formação Cultural e Educação: Leitura de Imagens**. Disponível em <http://coral.ufsm.br/gpforma/05.pdf> . Acesso em 05/03/2017.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade Excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

WEBER, José Fernandes. **Arte, política e educação: sobre o conceito de formação, cultivo (bildung)**. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-166-10.pdf> . Acesso em 21 de março de 2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raci

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-107-7

